

APRESENTAÇÕES ELECTRÓNICAS – SERÃO ÚTEIS? OU NÃO?

Comentando á partida a visão de Edward Tufte, e esta minha sugestão direcciona-se às usuais tendências de opiniões desvalorativas que uns críticos crêem ter sobre todas e mais algumas novas ferramentas que surjam e que sirvam de apoio a um qualquer tipo de trabalho, penso que, tratando-se de ferramentas de apoio, e agora transpondo para o uso das apresentações electrónicas, cabe não ao mecanismo, mas ao portador e utilitário deste mecanismo ter a sensibilidade correcta para o gerir e manusear de forma adequada. Geralmente não é o método que não se adequa à sua funcionalidade, quanto muito o erro da sua possível desvantagem, tende para o utilizador que não o usou de modo apropriado. Por isto, penso que a opinião sugerida pelo autor apenas encaixa numa mera posição de discordância, sem tomar como partida a finalidade deste método. Todavia, para além de certos aspectos que a meu ver são um pouco extremista, existe na sua opinião, alguns pontos relevantes que se devem ter em conta aquando do uso desta ferramenta.

No processo de aprendizagem, o uso da apresentação electrónica tornou-se um meio contra as enfatizantes exposições oratórias que sempre nos habituaram certos professores. Começaram por surgir os habituais acetatos que mais tarde deram lugar ao “complexo” e versátil mundo das apresentações multimédias. De inovador, estas trouxeram um conjunto de recursos e facilidades que superam em muito, todas as outras formas tradicionais de se expor um assunto. Se o utilizador fizer uso adequado de todo este conjunto de recursos, que vão desde animações a grafismos, conjugando com elementos visuais estimulantes e realçando as informações importantes, poderá conseguir um meio proveitoso de transmitir conhecimentos, causando assim um impacte positivo no contexto de sala de aula.

Contudo, e muitos de nós já se depararam com apresentações que ao contrário de motivarem a aprendizagem, são extremamente saturantes e desvantajosas, portanto, teremos sempre de tomar este método não como arma de defesa, mas como arma de sucesso, isto é, a ponderação e a sensatez de adequar não o meio ao objectivo, mas o objectivo ao meio, é o principal pressuposto numa boa metodologia de ensino. O power point como formato só se tornará útil, se o conteúdo assim o ditar.

Analisando então o modo como se poderá utilizar esta ferramenta com vista a que seja vantajosa para o processo de aquisição de conhecimento, é fundamental adequar um certo número de “regras” para que não caiamos no erro de tornar a apresentação electrónica nociva e redutora.

Como principal pressuposto, temos de ter perfeita noção de qual a plateia a que se dirige a exposição. O modo de abordar o conteúdo e o meio de o conseguir com sucesso, depende não só do estilo como expomos a matéria, mas também do formato que utilizamos para tal. Por exemplo, numa sala de aula com crianças, o uso abusivo de animações e imagens, jogará a favor da desatenção, ou então, o não uso de elementos visuais estimulantes, jogará a favor da saturação.

Teremos de ter em conta também que um slide não funciona como expositor de informação, mas como gestor das informações chave. Este aspecto poderá tornar-se bastante útil não só como suporte ao orador, mas como meio de possibilitar à audiência a retenção dos elementos importantes da apresentação, estimulando também o poder de síntese e raciocínio ordenado.

Teremos sempre de realçar que o uso do power point apenas consiste numa instrumento de apoio que complementa uma apresentação e não a substitui e que, a comunicação multimédia, é apenas uma outra forma de comunicação, sendo que, a regra que se aplica a esta, igualmente se aplica a uma comunicação verbal ou escrita.

Trabalho feito por:

Joana Alves nº. 16071